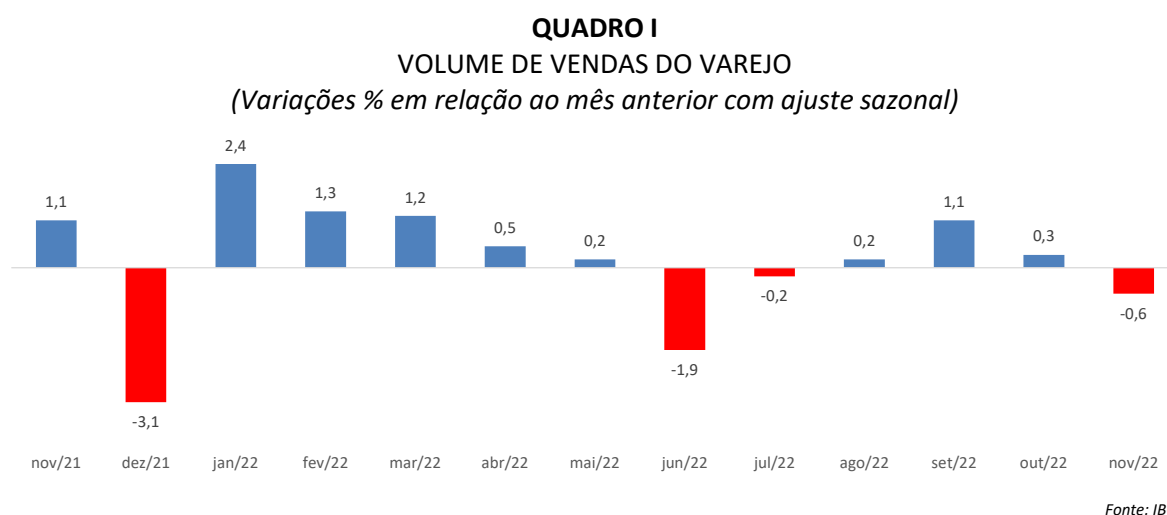


INFLAÇÃO E JUROS INTERROMPEM SEQUÊNCIA DE AUMENTO DAS VENDAS

Após três altas seguidas, vendas recuam 0,6%. Juros em alta e desaceleração do mercado de trabalho serão os principais desafios ao crescimento neste ano. CNC projeta avanço de 0,8%.

Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (11/01) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do varejo recuou 0,6%, no mês de novembro ante outubro do ano passado. Com esse resultado, o volume de vendas do varejo interrompeu uma sequência de três altas mensais consecutivas, vindo ligeiramente abaixo da expectativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que projetava queda de 0,4% nesse comparativo. Em relação ao mesmo mês de 2021, houve avanço de 1,5% – quarto consecutivo nessa base comparativa.



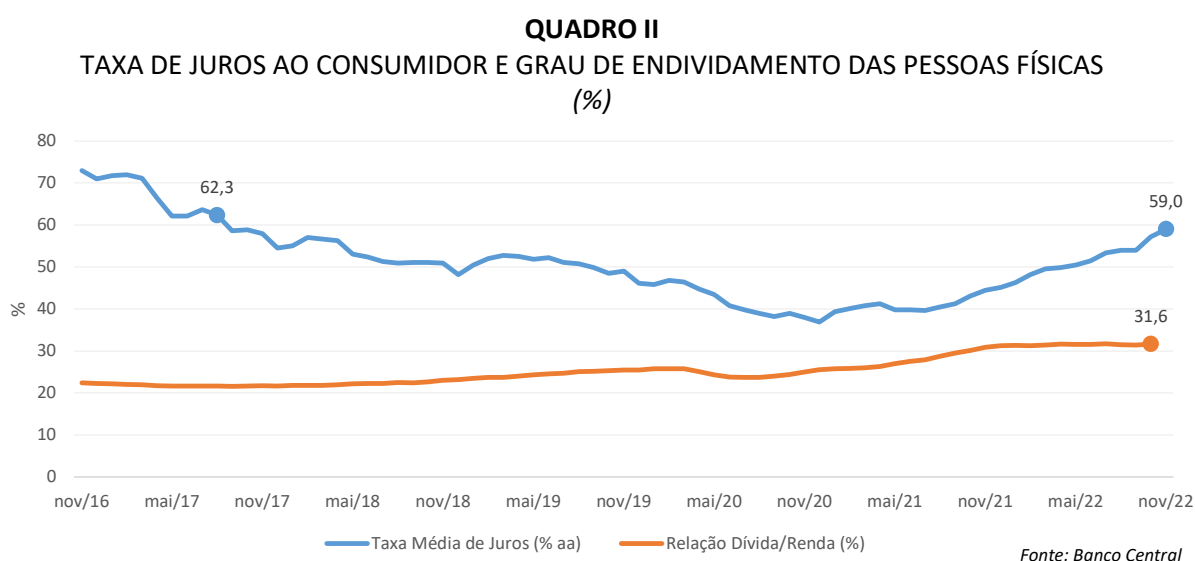
A interrupção do avanço nas vendas do varejo se insere em um contexto de reaceleração do nível geral de preços após a sequência de deflações, observada ao longo do terceiro trimestre do ano passado. O índice geral de preços, medido pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), voltou a registrar alta em novembro (+0,41%), após avanço de 0,59% em outubro. Os grupos vestuário (+1,10%) e transportes (+0,83%) foram os principais responsáveis pela alta dos preços naquele mês.

Seis dos oito segmentos pesquisados pelo Instituto apresentaram variações negativas frente ao mês anterior, destacando-se as retrações nos ramos de combustíveis e lubrificantes (-5,4%) e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-3,4%).

Embora, ao longo de 2022, as pressões inflacionárias tenham se concentrado no grupo “alimentação”, especificamente no mês de novembro, houve um repique no reajuste dos preços dos combustíveis (+3,29%) com o maior avanço observado nesse grupo desde o último mês de março. Com o corte nas alíquotas do ICMS incidentes sobre determinados produtos e serviços, entre julho e outubro, por exemplo, o preço da gasolina recuou 30,8%.

Além disso, o aperto monetário no varejo se fez sentir ao longo de 2022. Apesar do tímido crescimento, o volume de vendas acumulado em 12 meses ainda se mantinha no campo positivo ao final do primeiro quadrimestre do ano passado (+0,7%), mergulhando para -1,8% em julho. Em novembro, as vendas acumulavam crescimento de 0,6% nessa base comparativa.

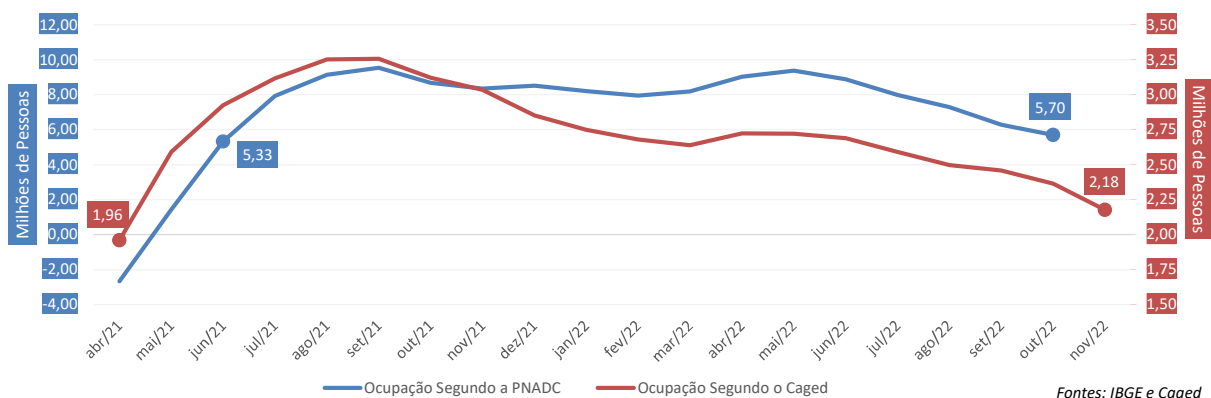
Nas operações de crédito livremente contraídas por pessoas físicas, a taxa média de juros dos empréstimos e financiamentos atingiu 59,0% ano – maior patamar desde agosto de 2017 (62,3% a.a.). Esse fenômeno, aliado ao grau de endividamento historicamente elevado dos consumidores nos últimos meses, certamente se constituiu em um empecilho ao crescimento das vendas, especialmente, em segmentos nos quais há predominância do consumo a prazo.



Finalmente, a perda de fôlego no mercado de trabalho – principal origem da geração de recursos destinados ao consumo – também tem contribuído para a desaceleração das vendas nos últimos meses. A desaceleração do ritmo de geração de vagas celetistas medidas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) tem se mostrado tão evidente quanto no caso do nível geral de ocupação contabilizado através da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

No primeiro caso, embora o saldo acumulado em doze meses ainda seja positivo ao fim de novembro (+2,18 milhões de postos), tal patamar era o menor registrado desde abril de 2021 (+1,96 milhão). Por sua vez, o indicador de regeneração do nível de ocupação do IBGE, em outubro (+5,70 milhões de pessoas ocupadas), acusava o menor nível de expansão da ocupação em doze meses desde junho de 2021 (+5,33 milhões).

QUADRO III
VARIAÇÃO ABSOLUTA DOS NÍVEIS DE OCUPAÇÃO, SEGUNDO A PNAD CONTÍNUA MENSAL E O CAGED EM 12 MESES
(Milhões de postos de trabalho e pessoas ocupadas)

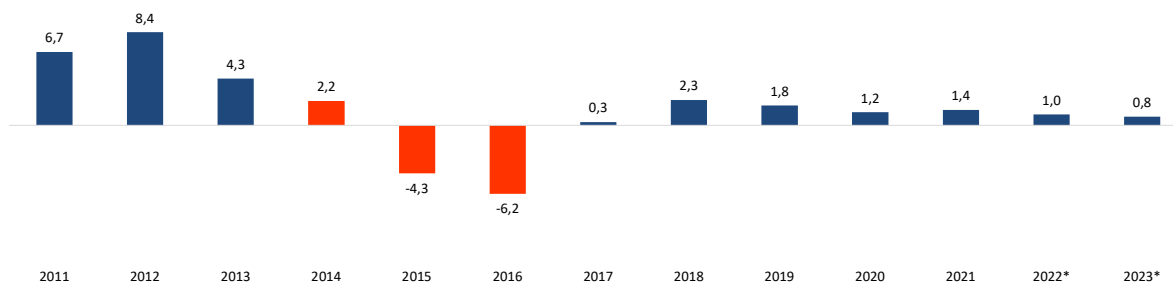


A perspectiva predominante de que a taxa básica de juros da economia só deverá recuar a partir da sexta reunião do Comitê de Política Monetária, em setembro, impõe, portanto, uma dificuldade real de reaceleração do ritmo das vendas do comércio varejista ao longo de 2023. Mesmo diante do recuo esperado, a taxa Selic deverá encerrar em patamar elevado (12,25% ao ano).

Do ponto de vista da inflação, as expectativas quanto ao IPCA de 2023 (+5,4%) seguem ancoradas acima do teto do regime de metas de inflação para o corrente ano (4,75% ante 2022). Além disso, dada a perspectiva de crescimento da economia abaixo de 1%, não se pode esperar um movimento de inflexão no ritmo atual do mercado de trabalho.

Confirmado este cenário, a CNC não enxerga espaço para avanço no nível de volume de vendas significativamente distinto daqueles observados ao longo dos últimos anos, projetando, portanto, para 2023, um aumento real de 0,8% no principal indicador do setor.

QUADRO IV
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Variações % em relação ao ano anterior)



*previsões CNC

Fontes: IBGE e CNC